



RODA DE CONVERSA



COM O PRACINHA DIONYSIO BORTOTI

Data: 19 de julho de 2018

Presentes Sr. Dionysio Bortoti, Bernadete Piazzon, Patrícia Bortoti e Julio Bianconi

Bernadete – Seja bem-vindo a Associação do Expedicionário Campineiro e vamos conversar um pouco sobre a participação do senhor na Segunda Guerra junto com a FEB na Itália.

Dionysio – Estou muito feliz de estar aqui, retorno depois de 10 anos, eu sou de Fartura no estado de São Paulo e já tinha participado de algumas reuniões aqui.

Julio – Dionysio eu vejo que o senhor tem uma foto da época da guerra, o senhor está com o capacete com a sigla PE, o Sr. Era da Polícia do Exército?

Dionysio – Sim, eu era do corpo da guarda do QG do General Mascarenhas de Moraes, em Porretta Terme, na Itália, na região da Emilia Romagna, nós fazíamos a segurança do General e de seu corpo de oficiais.

Patrícia – Pai, o Sr. Falou que tinha mais fotos, mas que se perderam devido a um princípio de incêndio que aconteceu quando o Sr. Voltava da Itália.

Dionysio – Sim, eu retornei no D. Pedro I ou D. Pedro II, não me lembro bem, e o incêndio começou no compartimento de carga, onde estava o meu Saco B, nós tínhamos duas formas de transportar os nossos pertences: o Saco A, que sempre estava com a gente, e saco B, que era transportado por caminhões ou outros meios; no caso, o meu estava no compartimento de carga e perdi bastante coisas,

entre elas fotos que tirei na Itália. Quanto ao incêndio foi prontamente debelado pelos tripulantes, mas o estrago já estava feito.

Julio – Como o senhor ficou sabendo de sua convocação?

Dionysio – Foi através do cartório da cidade. O cartorário fixou na parede do prédio uma lista de 10 nomes, que deveriam se apresentar no quartel de Bauru para o serviço militar, sendo que esses dez rapazes acabaram indo para a guerra. Naquela época jovens de 21, 22 anos eram convocados para o serviço militar, nasci a 20 de março de 1921, estava então com 23 anos. Fomos para Piraju pegamos o trem e nos apresentamos em Bauru. O dia para se apresentar era 12 de outubro de 1944. Depois do quartel de Bauru fomos para Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, onde eu comecei a receber treinamento. Em Fartura tinha o Tiro de Guerra, eu o tinha feito dois anos antes, mas era uma instrução muito fraca.

Bernadete – Como o Sr. Sentiu ao ser convocado?

Dionysio – Na verdade eu senti que poderia ser uma oportunidade de mudar de ambiente, pois até então, minha vida se resumia no sítio e na agricultura, seria uma oportunidade de liberdade.

Julio – O senhor tinha conhecimento que a convocação poderia conduzir para guerra?

Dionysio – Sim, sabia e acompanhava, na medida do possível, a guerra na Europa. Mas naquele momento que se não fosse pela convocação eu não teria como sair do sítio.

Julio – Como foi o treinamento do Sr. em Campo Grande?

Dionysio – Era um treinamento geral para todas as armas do exército: infantaria, cavalaria e tropa motomecanizados. O nome era Segundo Esquadrão de Treino Misto, ali aprendemos a manusear uma série de armas, e toda a semana tínhamos exames médicos, qualquer coisa que o soldado apresentasse já era dispensado. Eu me sai muito bem pois atirava com precisão, isto fez com que eu me destacasse dos demais soldados.

Julio – Concluída esta parte do treinamento o Senhor foi transferido?

Dionysio – Sim, saímos de Campo Grande por trem e seguimos a Caçapava e depois para Pindamonhangaba, onde tivemos mais treinamento com mais armas, fora com pelo menos 6 tipos de metralhadoras, fuzil, bazooka, pistola, revolver, sempre treinando bastante consegui ótimos resultados. Um dia apareceu um capitão, vindo do Rio de Janeiro, que estava buscando soldados para a formação do Pelotão de Defesa do Quartel General, que era para fazer a guarda do general Mascarenhas, na hora não soube disso, mas ele disse que queria os melhores. Um sargento me chamou e fiquei sabendo que o capitão precisava de 50 soldados que soubessem manusear todas as armas, fazer de tudo isto é: dirigir, pilotar motocicletas e ser experto, assim fui escolhido para fazer parte da Tropa de guarda do quartel general das forças brasileiras na Itália.

Julio – Muito interessante... como foi o primeiro contato com o Pelotão de Guarda?

Dionysio – Logo que chegamos ao Rio nos já fomos separados, ficou completo na Vila Militar, depois fomos levados a São Cristóvão, onde tinha um quartel e o General Mascarenhas já estava lá.

Julio – Como foi a sua partida e viagem para Itália.

Dionysio – Eu embarquei para Itália no dia 22 de setembro de 1945, fui no Segundo Escalão ... foram 2 navios americanos, com mais ou menos 9.000 homens ... 5 mil em um navio e 4 mil no outro, não me lembro quais navios eram. Os navios eram bem escoltados, e a viagem foi tranquila. Era para desembarcarmos em Livorno, mas a área estava minada, e vimos navios gigantescos virados na proximidade do porto. Foi impossível desembarcar, assim fomos desembarcar em Nápoles, depois transferidos para Livorno em barcos menores, e iam em torno de 500 soldados de cada vez, na verdade eram uns barcos de desembarque, onde a gente enjoava muito, finalmente conseguimos desembarcar e seguimos para Pisa. Ficamos uns 15 dias em Pisa, depois seguimos para o front.

Julio – Como era o seu cotidiano durante o período que estava na Itália?

Dionysio – Como fazia parte do Pelotão de Defesa do Q.G. da Força Expedicionária Brasileira na Itália, nos fazíamos a segurança do Quartel e do Estado Maior do Comando, também éramos responsáveis pelo controle de

entrada e saída do QG. Fazíamos a segurança do entorno do prédio onde estava instalado o comando, na cidade de Porreta Terme, era uma cidadezinha bem movimentada pois tinha varias fontes de aguas minerais e também termais, muita gente vinha para fazer uso das aguas medicinais, tinha bons hotéis, acredito que o comando estava instalado em um antigo hotel, porque ele tinha três andares, muitos quartos e pátio enorme na frente e era bem cercado. Era relativamente tranquilo a região, embora regularmente éramos alvos de bombardeio, mas como estávamos em um vale de um rio, os alemães nunca conseguiam muita precisão, suponha que eles sabiam que ali era o QG dos brasileiros. Um fato que eu lembro era em relação aos bombardeios, era que sempre que o sino tocava lá vinha bomba, víamos um padre sempre andando por lá, diziam que era espião alemão, ela andava por ali, depois o sino tocava a lá vinha bomba, agora não lembro mais como terminou essa história.

Julio – Como era o contato com os italianos?

Dionysio – Eu tive bastante contato com os italianos, mas acabei fazendo mais amizade duas famílias duas famílias que moravam perto do QG, quase sempre eram mulheres com crianças e senhores idosos, e normalmente a gente dividia a comida com eles, o que me surpreendia era o valor que eles davam as menores quantias de comida que recebiam, era bastante carência. O povo italiano sempre falava para gente que os fascistas tentavam controlar os contatos com os brasileiros e que tinha muito italiano que espionava para os alemães, mas de modo geral era um ótimo relacionamento. Uma coisa proibida para os soldados brasileiros era frequentar os restaurantes italianos, devido a escassa comida que os italianos tinham, o comando determinou que era para deixar a comida para os italianos.

Julio – Qual a opinião do senhor em relação aos oficiais do comando.

Dionysio – De modo geral era bem tranquila, o General Mascarenhas era muito ponderado sempre demonstrava tranquilidade, e tratava a gente com muita educação. O General Cordeiro de Farias era bastante popular, nunca vi maltratar um subordinado, na verdade a gente fazia a segurança, mas não era muito próximo dos oficiais do alto comando. O general Zenóbio, era o mais comentado entre os soldados, diziam que era meio maluco, queria atacar de qualquer jeito, dizia que mandava os soldados atacar com neve e tudo na montanha, e assim os

soldados as vezes não viam as casamatas e levavam tiros de todo lado, comentavam que o General Marck Clarck e o general Mascarenhas dizia que deveriam atacar com cuidado e mais organizados, de qualquer forma foi ele que continuou no comando e teve uma série de vitórias.

Julio – Ali no Pelotão de Guarda quais eram os equipamentos que os soldados tinham contatos?

Dionysio – Tínhamos mais armas leves e alguns veículos, eram Jipes e acho que 3 motos, que eram usadas por mensageiros. Um fato que eu lembro foi a perda de um companheiro que dirigia jipe, um motorista se desentendeu com o tenente que normalmente fazia uso do jipe, disse que não dirigia mais para o tenente, me perguntaram se queria assumir o serviço, eu não quis, estava bem ali no meu serviço, um outro soldado começou a dirigir o jipe, um dia, quando levou um tenente para uma localidade não muito longe dali aconteceu um tremendo infortúnio. Ele estacionou o jipe na porta de entrada de uma sala, onde estavam reunidos alguns oficiais, foi só tenente descer e entra, caiu uma granada de morteiro bem no espaço entre a porta e jipe, vindo a matar o rapaz imediatamente, é essas coisas da guerra, né.

Julio – Realmente o risco é constante.

Dionysio – Uma vez eu tive contato com Castelo Branco, o que foi Presidente. Ele era oficial, mas não me lembro mais qual era sua patente, acho que era coronel, eu precisei de um dentista, aí falei com o meu sargento, ele disse que eu precisava falar com o Castelo Branco. Fui lá, ele não era muito simpático não, mas como eu precisava, fui na sala dele e expliquei que meu dente doía. Ele me escutou e não falou nada, só autorizou que fosse fazer o tratamento.

Julio – Ele foi desagradável em algum momento?

Dionysio – Não, foi tranquilo, só não conversou muito não.

Julio – E contato com os americanos, como era?

Dionysio – Na verdade eu tive muito pouco contato com os americanos, eu lembro no dia que os alemães se renderam, aí eu vi bastante americano, nós estávamos em uma cidade pequena onde o comando foi instalado, não me lembro mais o nome da cidade, eles viram andando e ficaram na frente do comando,

naquele dia até o Mark Clarck apareceu lá, e foi nesse dia que terminou, pois ai não teve mais batalhas.

Julio – Agradecemos muito a visita do Senhor e muito obrigado por dividir conosco um pouco de suas memorias com a gente.

Dionysio – Foi muito bom estar de volta a esta casa, onde já estive em várias reuniões.

Bernadete – Agradecemos muito a presença do Sr. e agradeço muito a Patrícia por tê-lo trazido à Casa do Pracinha Campineiro.